

Algumas considerações sobre o negro e o índio no *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre

RAIMUNDO LIMA DOS SANTOS*

Resumo

Este texto trata de algumas considerações sobre a abordagem freyreana, no *Casa Grande e Senzala*, em relação às culturas africana e indígena. O texto tenta mostrar como Gilberto Freyre atribui importância hierarquicamente diferente às culturas na formação da sociedade brasileira. Apesar de Gilberto Freyre inaugurar, no Brasil, um debate fora das esferas racistas, ainda carregava resquícios, ao hierarquizar as três culturas predominantes no Brasil, com o português no degrau mais alto e o índio no mais inferior.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Índio; Negro.

Abstract

This paper deals with some considerations on the approach Gilberto Freyre uses in *The Masters and the Slaves*, in relation to African and indigenous cultures. The text tries to show how Gilberto Freyre attaches hierarchically different importance to cultures in the formation of Brazilian society. Although Gilberto Freyre inaugurated in Brasil the debate outside the racist sphere, his text still carries traces of racism when it ranks the three dominant cultures in Brazil putting the Portuguese culture on the top, and the Indian in the lowest.

Key words: Gilberto Freyre; Black; Indian.



* RAIMUNDO LIMA DOS SANTOS é doutorando pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

O autor

Não há dúvida de que Gilberto Freyre se apresentava como um dos maiores pensadores brasileiros na área das ciências humanas, de igual forma é indiscutível que esse historiador, sociólogo, antropólogo, dentre outras especialidades, seja um dos mais originais e peculiares



Gilberto Freyre (100-1987)

observadores das relações sociais no Brasil nos tempos dos senhores de engenho. Numa época em que as ciências humanas no país e mesmo no mundo, tinham seus métodos e fontes bem definidos em moldes tradicionalmente consagrados, Freyre fez suas análises do universo social com ferramentas não muito convencionais. Um dos principais objetos de pesquisa do autor foi a casa-grande dos engenhos nordestinos e o que acontecia no interior ou nos arredores dela. Analisou a relação cotidiana desse espaço com a senzala, numa interação que, segundo o autor, fez os dois espaços diluírem-se um no outro, tornando, em certo sentido, um só universo social e cultural.

Freyre deu ênfase ao universo nordestino, particularmente pernambucano, não apenas da senzala e da casa-grande, como também dos sobrados, da cultura da cana-de-açúcar, da geografia regional, da religião católica, da culinária, e de uma infinidade de outros temas que se relacionam, especialmente, com a cultura africana e indígena. O autor de *Casa-Grande e Senzala* estudava a cultura, os costumes, as superstições e a combinação desses elementos entre os três grupos formadores, segundo ele, da cultura brasileira. Diferente de outros intelectuais em sua época percebeu a

formação da sociedade brasileira, a partir do contato da cultura europeia com africana e indígena, de maneira positiva, favorável, especialmente para categorias dominadas. Se para muitos esse contato representou uma relação conflitante, para Freyre foi uma perfeita sintonia que deu origem a uma nação única. Não há dúvida de que a invenção da harmonia racial e cultural é rica e ainda hoje serve de base para novos estudos e reflexões sobre o universo sociocultural brasileiro. Gilberto Freyre conseguiu agregar sua experiência de vida nos engenhos de açúcar de Pernambuco com a vida acadêmica nos Estados Unidos e, em parte, na Europa. O bom aproveitamento dos elementos empíricos e teóricos rendeu-lhe a oportunidade de fazer uma profunda análise cultural da sociedade colonial, envolvendo os três grupos raciais.

Nascido em Recife, capital de Pernambuco no limiar do século XX, proveio do berço de uma família rica e tradicional da região (MEDEIROS, 1984, p. 19). Pode-se avaliar que a vida escrava nos engenhos de açúcar de Pernambuco era menos dura que em outras partes do país, e Freyre foi criado nessa realidade “mais branda”, junto a descendentes de escravos, o que, de certo forma, favoreceu para sua visão mais afetuosa da escravidão. O intelectual nordestino fez do seu próprio universo social, ou de seus pais e avós, um lócus para entender a sociedade nordestina e, em dada medida, a brasileira. “na verdade, Freyre se vale de suas recordações de infância, da sua vida no Nordeste brasileiro e também da sua rede familiar e de amigos” (DIMAS; LEENHARDT;

PESAVENTO, 2006, p. 158). Gilberto Freyre carrega um legado sentimental expressivo, pois opera com lembranças, relatos de pessoas, fotografias, dentre outros instrumentos pertencentes a sua família, amigos ou conhecidos. Ele trás consigo um saudosismo de sua boa vida na infância, assim como de seus pais e avós, nas fazendas de Recife.

Freyre descobriu ou redescobriu aspectos da vida social, até então despercebida por estudiosos em seu tempo. Sua profundidade lhe permitiu enxergar o que a maioria não conseguiu, ele se interessou por temas desinteressantes para a maioria de seus pares. Do ponto de vista acadêmico, a maior influência para o intelectual pernambucano foi o antropólogo alemão Franz Boas, seu professor na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, na qual adquiriu o grau de Mestre. Boas é um dos principais teóricos do culturalismo. Esse antropólogo foi um dos antagonistas das teses racistas que colocavam em evidência a superioridade do branco em detrimento de outros grupos raciais, especialmente os negros.

O ponto fundamental do culturalismo é “a evidência da cultura na explicação das diferenças entre os grupos sociais” (MEDEIROS, 1984, p. 21). Os elementos raciais não são determinantes para a explicação da sociedade, uma vez que as relações sociais históricas dão conta de oferecer uma resposta satisfatória.

[...] Para Boas, um grupo social, como o “grupo português, por exemplo, define-se e se forma a partir do seu ambiente cultural, Freyre vai mais além. Para ele, um grupo específico constitui-se frente a um dado meio-ambiente sócio-cultural. Como enfatiza o culturalismo, mas vem apontar características culturais adquiridas,

como certos comportamentos, valores e sentimentos, guardando a capacidade de preservá-los e transmiti-los. O português, assim, seria o resultado do somatório de vários universos culturais [...] (Idem, p. 21).

Apesar das distinções com Boas, foi com ele que Freyre compreendeu a diferença entre raça e cultura, portanto percebeu que as influências sociais estão acima de fatores genéticos (LARRETA; GIUCCI, 2007, p. 452), o que o levou a um caminho diferente de outros intelectuais brasileiros que estudavam a sociedade brasileira. A preocupação de Boas era questionar a ênfase no biológico, com a alternativa de ferramentas histórico-culturais. Tal perspectiva é compartilhada por Gilberto Freyre. “suas preocupações em Casa-Grande e Senzala, é criticar todo tipo de fixismo biológico e destacar os aspectos plásticos e flexíveis do meio” (Idem, p. 462). Não há dúvida de que o autor em evidência dá um grande passo no sentido de uma decisiva contribuição para o fim das ideias racistas, presente em muitos intelectuais. Depois de Freyre, o foco do debate, centrado na raça, desloca-se para os âmbitos social, econômico, político e, principalmente, o cultural.

Contudo, não se pode assegurar que houve uma completa extinção da percepção de superioridade racial. O avanço foi significativo, mesmo assim seus resquícios ainda sobreviveram inclusive na própria abordagem freyreana. Ao valorizar elementos da cultura indígena e africana para a formação da sociedade brasileira, não quer dizer que o autor tenha se livrado da visão hierárquica dos grupos sociais, ainda que seja de uma forma bem distinta da que predominava em sua época. Gilberto Freyre fala com profundidade dos universos que

circunscrevem a Casa-Grande, bem como a Senzala, mas seu lugar de fala é o primeiro espaço, lócus da aristocracia açucareira, branca e opressora. Na condição de aristocrata foi mais fácil ponderar as difíceis condições de vida nas senzalas. A grande contribuição do negro para o Brasil não deixa, na maior parte das vezes, de ser secundária. Ele olhava para a contribuição cultural indígena num degrau mais abaixo ainda que o do africano. O índio parece ser visto como uma categoria histórica superada, sua importância maior seria contribuir para enriquecer as culturas europeias e africanas.

O negro

Gilberto Freyre foi, nos anos 1930, o maior defensor da cultura africana no Brasil. Soube reconhecer aspectos que ninguém o tinha feito em sua época, e criou uma nova visão do debate intelectual no Brasil, não apenas porque sepultou as ideias racistas radicais, como também salientou a riqueza e importância da cultura africana para a formação social brasileira.

[...] A contribuição dos negros é, para Freyre, muito maior que a do esforço físico. O negro como colonizador deu uma fundamental contribuição cultural, técnica, de vestuário, de alimentação. Freyre relativiza o sistema escravista, que se esforça por situar em seu contexto histórico peculiar, julgando não apenas a partir de um critério crítico e externo, mas considerando sua singularidade

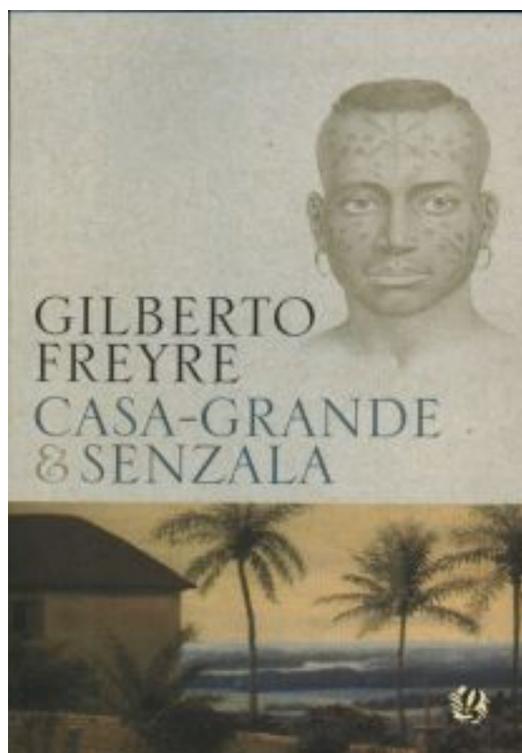
como formação histórica [...] (Ibidem, p. 465).

O autor considera o negro como um dos principais suportes econômicos para a sobrevivência da agricultura no Brasil Colônia, sua importância econômica é indiscutível. Contudo, o autor prefere ater-se, com maior afinco, a outros aspectos da cultura, para evidenciar sua importância. Freyre fala da negra velha que conta para as crianças as histórias mal-assombradas (FREYRE, 2000, 343). Com base nesses contos,

juntamente com outros, ele conclui que o brasileiro é um povo místico, que acredita no sobrenatural, atribuindo às contadoras de histórias, parte da construção desse imaginário. Exemplos como os das velhas africanas são frequentemente encontrados, no empenho de demonstrar a forte influência africana na cultura do país. Percebe-se isso na descrição das práticas artesanais,

medicinais, religiosas e muitas outras. “Uma vez no Brasil, os negros tornam-se, em certo sentido, verdadeiros donos da terra: dominam a cozinha” (Idem, p 349).

O autor atribui uma plasticidade necessária ao negro, capaz de, sutilmente, diluir-se na cultura do branco, formando a peculiaridade do povo brasileiro. Gilberto Freyre mostra a sintonia entre o mundo do africano e do europeu em diversos momentos que



se relacionam aos hábitos, crenças, práticas de cura, e uma ordem de outros fatores. Isso acontecia, segundo o autor, especialmente pela relação amistosa entre os diferentes grupos sociais. “Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos, mas o de pessoas da casa” (Ibidem, p. 406). Ao fazer um elo entre as diferentes culturas, a percepção freyreana encontra na cultura africana um elemento de notável contribuição, que engrandece tanto a europeia quanto a indígena. Não é difícil notar que o autor vê o indígena num patamar de inferioridade em relação ao branco e ao negro. Porém, é na inter-relação que se forma o componente mais importante.

[...] Quase sempre elevando a cultura das populações indígenas, raramente deixando-se achatar ou degradar por elas. Diante dos caboclos os negros foram elemento europeizante. Agentes de ligação com os portugueses. Com a Igreja. Exerceram não só aquele papel de mediadores plásticos entre os europeus e indígenas [...] mas em alguns casos, função original e criadora [...]” (Ibidem, p. 365).

O elemento criativo da cultura africana vincula-se aquilo que Freyre se refere como uma predisposição do português diante de culturas diferentes. “O português não conquistó el mundo ni por la cruz ni por la espada sino por el sexo, florecendo em euroameríndios, euroasiáticos y euroafricanos” (BASTIDE, 1972, p. 88). Essa tese parte do pressuposto de que a relação dos portugueses com os mouros, em épocas anteriores, contribuiu para fazer dos portugueses um povo afeiçoado a culturas diferentes. Outro fator importante seria as influências da doutrina católica, diferente da protestante, tende mais a agregar culturas diversas que repeli-las, a

exemplo do protestante nos Estados Unidos e em outras partes do mundo (Idem, p. 89).

Dada essas condições de aproximação entre os grupos raciais, foi fácil e rápida a sintonia que articula e transforma as diferentes culturas em algo novo e único na história do Brasil. Ao fazer essa análise, Gilberto Freyre atribuiu significativa importância à cultura afro para a formação da sociedade, apesar de ainda ter ligação com a ideia de superioridade racial. Percebe-se isso na demonstração do português em relação aos negros, assim como destes em relação ao índio. Nesse caso, um dos méritos do autor foi o de não engessar essas categorias, mas olhá-las num contexto de constantes entrelaçamentos, mudanças e enriquecimento.

O índio

Freyre fala da cultura africana como um componente cultural dinâmico, capaz de se transformar e ao mesmo tempo fazer transformar. Ele a descreve como um elemento criador da cultura brasileira, elemento esse, presente tanto nas relações sociais mais diretas, a exemplo das relações de trabalho, como nos mais sutis gestos inconscientes das velhas, das mulatas e das crianças, dentre outros. Os mesmos elementos são encontrados na cultura indígena, mas em menor intensidade, muitas vezes os índios são apresentados como um povo pertencente ao passado, que embora tenha deixado suas influências, não tinha valor por si mesmo, a não ser no contato com o negro ou com o branco.

Freyre deu um foco especial na mulher índia, como fez com a negra. Para ele a história do contato de raças, no que ele denominou de *luso-tropicalismo* é feita com a participação, especialmente do homem branco, com as mulheres das classes subalternas. Ele atribui

responsabilidade a índia pelas receitas da culinária, pela agricultura, pela elaboração de remédios naturais e uma ordem de outras práticas, tudo isso situado num universo de coisas passadas. Talvez um dos principais fatores que levaram o autor a dar menos importância à cultura indígena, seja o fato de não ter relação direta com os engenhos de açúcar de Pernambuco, portanto, não teve uma proximidade mais estreita com a vida econômica do Brasil colonial. Por não se ajustar nesse contexto da mesma forma que o negro, o indígena parece ser relegado a um segundo plano, nas análises de Freyre.

Com isso, o modo de vida indígena era tido como inferior, sua técnica, suas relações econômicas entre si e com o mundo fora da aldeia, eram apresentadas de maneira a demonstrar a inaptidão da cultura ameríndia. “Embora não se devam desprezar as indisposições psíquicas, o fato que avulta é o do nomadismo de vida econômica atuando poderosamente sobre os ameríndios; incapacitando-os para o trabalho agrícola regular” (FREYRE, 2000, p. 347). Gilberto Freyre afirmava que nos primeiros tempos da colonização, o indígena vivia em estado de parasitismo (FREYRE, 2002, p. 186). Situação que só mudaria com maior aproximação com os europeus. Para o intelectual pernambucano, o português também ganhou na troca cultural, no entanto, os maiores beneficiados são os nativos.

Numa inter-relação doce e harmoniosa, haveria crescimento mútuo das culturas. “Apenas um conjunto especialíssimo de circunstâncias impediu, no caso do Brasil, que europeus e indígenas se extremassem em inimigos de morte, antes se aproximaram como marido e mulher, como mestre e discípulo” (Idem, p. 225). Ainda que fale em

degradação da cultura por essa relação, em outros momentos Freyre exalta os benefícios do contato. Em diversos momentos o autor compara elementos da cultura indígena com a do negro para tentar demonstrar certa superioridade cultural deste segundo. Para ele é mais difícil ao índio se adaptar às novas condições socioeconômicas do Brasil, não apenas pelo seu nomadismo e outros fatores, como também por sua característica introvertida, diferente do negro, “tipo do homem fácil, plástico, adaptável” (FREYRE, 2000, p. 347).

[...] A introversão do índio, em contraste com a extroversão do negro da África, pode-se verificar a qualquer momento no fácil laboratório que, para experiência desse gênero, é o Brasil. Contrastando-se o comportamento de populações negróides como a baiana – alegre, expansiva, sociável, loquaz – com outras menos influenciadas pelo sangue negro e mais pelo indígena – a piauiense, a paraibana ou mesmo a pernambucana – tem-se impressão de povos diversos [...] (Idem, 348).

Quase sempre que Freyre compara a cultura indígena com a europeia ou africana, ele a coloca num patamar de inferioridade, como se sua função fosse apenas de complementar as outras. Na formação agrária do país, por exemplo, o autor situa o negro como a mão direita do sistema, e o índio, ou mesmo o europeu, a mão esquerda (Ibidem, p. 364). Gilberto Freyre atribuiu maior capacidade ao negro de se inserir, com mais facilidade, na formação econômica e social brasileira. As positividade do africano percebidas na esfera econômica tendem a dilatar-se para o nível cultural, ou mesmo biológico. “Pode-se juntar, a essa superioridade técnica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos [...]” (Ibidem, p. 346). O autor

justifica ainda que a raça negra é mais fértil que a índia, no clima tropical, especialmente do Brasil. O africano é visto como mais adaptável ao forte sol do norte, o que não acontece com o índio, pois este logo sucumbe às forças hostis da natureza.

Freyre dilui as boas qualidades da cultura africana na visão social, cultural e natural da sociedade brasileira. O espírito africano é, para ele, favorável à combinação de raças e de culturas, sua técnica é aprimorada, se encaixando na economia colonial, e sua força física é determinante para o trabalho na lavoura, bem como nos engenhos de açúcar do Nordeste. Essa simétrica combinação resultou na grande contribuição econômica, social e cultural do negro à sociedade brasileira. Contrariamente foi o caso indígena, pouco adaptável, arreado, triste, nômade. Por conta desses fatores, deu uma menor contribuição na formação cultural, ainda que não seja sem importância. Freyre não chega a negar o valor da cultura indígena, ele apenas a coloca em um patamar inferior às outras. Não é demais lembrar que para Gilberto Freyre, diferente de outros em seu tempo, que todo esse processo de relações econômicas, sociais e culturais, se deu de maneira suave e enriquecedora, com pesos diferentes, para todos os grupos envolvidos.

Híbridas desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que constitui mais harmoniosamente quanto as relações de força: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que se resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado [...] (FREYRE, 2002, 163).

O autor reconhece também, em outros momentos, que nem tudo são ganhos, também há perdas, mas que em última

instância o saldo é positivo, especialmente em termos culturais. Ele chega a falar de extermínio e degradação, por meio do contato de culturas adiantadas e atrasadas, referindo-se à relação entre europeu e indígena (Idem, p. 179). Para ele, o missionário é uma espécie de carrasco do indígena. Através de sua atuação religiosa houve degradação moral e destruição. Para exemplificar, cita o exemplo do *culumim*, tirado do seu meio social nos primeiros anos de vida, para a reconstrução de sua personalidade nos moldes europeus. “Dele o jesuíta fez o homem artificial que quis” (Ibidem, p 214). Esse é um dos aspectos negativos da colonização, mas que no fim trouxe resultados históricos positivos, ao contribuir com a formação da sociedade brasileira.

A proximidade cultural do português com os nativos foi um elemento de grande sucesso para a colonização europeia. Enquanto para autores como Oliveira Vianna o correto seria o branqueamento da população, para “salvar a sociedade”, Freyre reconhece essa interação como algo positivo e benéfico ao o país. Para o autor, num primeiro momento o contato foi mais benéfico ao colonizador, que fez uso de instrumentos de dominação sem o uso constante da força gratuita. Em outra fase, as populações subalternas ganharam com o enriquecimento cultural, que só poderia acontecer na relação mais harmônica que conflituosa. “Instaurou-se, entre eles, no seu modo de ver, um relacionamento de troca, onde ambos teriam lucrado” (MEDEIROS, 1984, 37).

O fato de Gilberto Freyre não ter dado ênfase aos conflitos de classe, lhe custou o atributo de ser um grande defensor dos patriarcas, senhores de engenho do Nordeste. O mundo

aristocrata como centro de gravidade de suas análises, contribui para enfatizar os valores e práticas da elite branca, justificando a ordem de opressão sobre os grupos subalternos no Brasil. É difícil negar que o autor não tenha enfatizado positivamente os valores da aristocracia, colocando em segundo plano, muitas vezes, os outros agentes e sua história, a exemplo do negro e principalmente do índio. Por outro lado, deve-se reconhecer que apesar disso, atribuiu valor a elementos das culturas não europeias. A obra de Gilberto Freyre, especialmente *Casa-Grande e Senzala* é um monumento, e como tal é capaz de apresentar múltiplas vertentes do real, assim como foi capaz de despertar diferentes sensações, muitas vezes harmônicas entre si, outras, opostas. Sem dúvida Freyre esboça tais percepções. Ele engrandece o patriarcado em determinados momentos, as diminui em outros, faz o mesmo com a Igreja Católica. Não poderia ser diferente com o negro e o índio. Parece que ele se esforçou para tirar aquilo que havia de positivo na cultura nativa, africana e europeia. Com valores diferentes conseguiu.

Para retomar a afirmativa anterior de ser a família aristocrata, produtora de açúcar, o centro da análise freyreana, conclui-se que o indígena só não ganhou mais valor em sua abordagem porque não estava no foco das relações socioeconômicas do mundo colonial,

nem tão íntimo da família da casa-grande, com estava o negro. Quando a família da casa-grande se estabeleceu na estrutura social do Brasil Colônia, o negro dominou o cenário social. Por isso este é tão enfatizado, enquanto o índio é visto como uma categoria menos importante. Apesar de tudo, ninguém superou Freyre por décadas no valor dado as culturas não europeias, na contribuição da formação social e cultural brasileira.

Referências

- BASTIDE, Roger. **Antropologia aplicada**. Buenos Aires: Amorrortu, 1972.
- DIMAS, Antonio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção**. Porto Alegre: UFRGS Ed.; [São Paulo]: EDUSP, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record 2000.
- _____. **Casa-grande & senzala**. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. **Gilberto Freyre uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MEDEIROS, Maria Alice de Aguiar. **O elogio da dominação: relendo Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: c1984.
- ORTIZ, Renato. **Outro território: ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Olho d'Água, [1997?].